



Reciprocidade e enunciação na cultura de interação em uma classe de língua inglesa em Bagé

Reciprocity and enociation in the interaction culture in a English class from Bagé

Mégui dos Santos MASCARELO¹
Silvana SILVA²

RESUMO: O presente artigo busca estudar a relação entre enunciação e reciprocidade numa determinada cultura de interação de sala de aula de língua inglesa como língua adicional. Partimos de um pressuposto de que, havendo um olhar atento para esses aspectos da interação professor e aluno, pode-se alcançar um maior entendimento ou melhor resultado no que se refere a engajamento em sala de aula. O referencial teórico se apoia na Enunciação, de Émile Benveniste, bem como na Reciprocidade, de Marcel Mauss. Comparando-se formas de reciprocidade descritas por Mauss com conceitos de “dom” e “troca” apresentados por Benveniste, buscamos identificar a forma de reciprocidade mais aproximada da situação analisada. Com isso, podemos desenvolver um olhar voltado para a cultura de interação entre professor e aluno, de modo que este seja também um critério de desenvolvimento de aulas e de construção de interação. Verificamos, na interação observada que a forma antropológica de reciprocidade do tipo ‘Potlatch’ - a que envolve disputa por poder e autoridade, assim como destruição do objeto de reciprocidade - é a predominante.

139

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Reciprocidade. Cultura de interação. Ensino de língua inglesa. Intersubjetividade.

ABSTRACT: This article sought to study the relationship between enunciation and reciprocity within a given classroom interaction culture. This is a classroom for learners of English as an additional language. We presupposed that, as long as we turn our gaze to such aspects of teacher-student interaction, it is possible to reach a deeper understanding or a better result regarding classroom engagement. The theoretical reference finds support in Enunciation Theory, by Émile Benveniste, as well as Reciprocity Theory, by Marcel Mauss. By comparing the forms of reciprocity described by Mauss with the concepts of “gift” and “exchange” pointed out by Benveniste, we intended to identify the forms of reciprocity that are closest to the observed situation. With this approach, one can develop a view on the culture of interaction between teacher and student, so that it may also become criteria for lesson planning and interaction construction. We uphold, as a result, that the predominant anthropological type of reciprocity was that of Potlatch - which involves competition for power and authority, as well as destruction of the object of reciprocity. That was the most predominant among the studied forms.

KEYWORDS: Enunciation. Reciprocity. Interaction culture. English language teaching. Intersubjectivity.

¹ Graduada em Letras, Português-Inglês pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, Bagé-RS. Email: mascarelomegui@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Instituto de Letras - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Porto Alegre - RS - Brasil - CEP. 90420-041. E-mail: ssilvana2011@gmail.com.



Introdução

A experiência como professor possibilita a um indivíduo dotado de subjetividade, como é o ser humano, desenvolver, em diferentes graus, uma percepção quanto à interação com seus alunos. Há distintas marcas de subjetividade na interação do professor com seus alunos: maneira de iniciar, conduzir e concluir suas aulas; de organizar e expor os conteúdos; de aplicar avaliações, definir critérios de aprovação; de dispor seus alunos na sala de aula (fileiras, círculos, semicírculo, grupos etc.). Pretendemos aqui trazer reflexões e implicações da relação entre Enunciação e Reciprocidade no ensino de língua inglesa como língua adicional (SCHLATTER E GARCEZ, 2012) na cidade de Bagé, considerando-se o ambiente de interação, os participantes e as atitudes linguísticas demonstradas.

A Enunciação de que tratamos refere-se à da perspectiva do linguista Émile Benveniste (1902-1976). Esta investiga a língua em seu uso individual, as pessoas que estão envolvidas na troca enunciativa, as representações da ‘não-pessoa’³, o tempo e espaço, nos quais são produzidas essas trocas, lapidadas conforme prescrições culturais, sociais, religiosas e condições psicológicas. “A ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 286), é uma característica da linguagem explorada nos estudos enunciativos.

A Reciprocidade, por sua vez, é abordada a partir dos estudos antropológicos de Marcel Mauss (1872-1950), onde são examinadas descrições de sociedades com a finalidade de identificar as formas de reciprocidade entre esses grupos considerados “primitivos”, bem como o seu nível de complexidade e de desafio (de poder e “honra”). À luz de uma compreensão semântica apresentada por Benveniste (1951/2005) acerca do conceito de “dom” e “troca”, entende-se que há relação entre cultura e o sentido de um signo.

Por meio de um recorte enunciativo, pretende-se mostrar como alguns verbos da língua inglesa se apresentam na intersubjetividade entre professor e seus alunos e de que maneira a reciprocidade ocorre nesse recorte. Vale dizer que, ainda que seja uma única situação de ensino-aprendizagem, os interlocutores diferem entre si e seus papéis enunciativos se invertem, caracterizando, assim, a troca enunciativa. Entende-se, em convergência com Benveniste (1958/2005, p. 293), que a intersubjetividade é o que possibilita a comunicação linguística nessas trocas.

Uma compreensão antropológica da enunciação na interação professor-aluno

Para a análise das experiências linguísticas mencionadas, três textos de Benveniste⁴ servir-nos-ão de apoio para a aplicação da teoria enunciativa: “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946/2005), “Da subjetividade na linguagem” (1958/2005) e “Dom e troca no vocabulário indo-europeu” (1951/2005). Este autor, a partir de categorias linguísticas, entre elas o nome (dentro do campo lexical) pronome, verbo, suas origens, formas e funções

³ Benveniste (1946/2005, p. 253) explica que a “não-pessoa” (a terceira pessoa da gramática da língua portuguesa) “é a única pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente”. Logo, não seria uma pessoa para que se pudesse despersonalizá-la, porque nela se ausenta a qualidade “eu” e de “tu”, invertíveis entre si.

⁴ Estes se encontram em *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.



desenvolve uma visão específica de uma determinada área do conhecimento, como a filosofia ou a antropologia, por exemplo, aplicada ao uso da língua.

Busca-se a compreensão da interação professor-aluno, na qual se propõe visualizar a reciprocidade como constituinte desta, ainda que se saiba que ela pode não ocorrer de maneira plena nos mais variados ambientes educacionais. Com esta percepção construída sobre as teorias da Enunciação e da Reciprocidade, pretende-se verificar de que maneira a reciprocidade se expressa pela enunciação dentro de um recorte intersubjetivo. Além disso, tomar-se-á como objeto de análise a intersubjetividade em um determinado contexto cultural para se pensar a reciprocidade real entre professor e aluno.

Antes de adentrarmos nas especificidades semânticas de “dom” e “troca”, é importante compreender o que a Teoria da Enunciação entende como linguagem e subjetividade, pois estes conceitos fundamentam o entendimento daquela que é a condição para a comunicação, e, conseqüentemente, para a reciprocidade: a intersubjetividade. Benveniste relaciona linguagem à subjetividade de modo que a primeira é concebida como constituinte da natureza humana, e a segunda subsiste a partir da primeira. A subjetividade, conforme também conceitua o autor no texto *Da subjetividade na linguagem*, “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (1958/2005, p. 286). Daí a justificativa para se trabalhar a linguagem e a subjetividade neste estudo: a reciprocidade se dá quando se é na linguagem.

Subjetividade: “espaços vazios” na linguagem e uma ressalva na análise da cultura de interação

É necessário esclarecer que a linguagem é um constituinte do *ser* humano que, segundo Benveniste, revela a subjetividade por meio de três categorias enunciativas: pessoa, tempo e espaço. Esse espaço, explica Flores (2013, p. 122), refere-se a um “sistema de coordenadas” em que o “eu”, ao se apropriar da linguagem, torna-se o eixo de referência.

O tempo é uma categoria que, segundo Benveniste (2005, p. 260), não pode ser o único critério a decidir “a posição ou mesmo a possibilidade de uma forma dada no seio do sistema verbal.” O autor contesta a divisão do tempo em passado, presente e futuro, tendo em vista sua insuficiência para organizar o emprego dos verbos. Para Benveniste, só o presente é um tempo linguístico (2006, p. 75).

A pessoa, por sua vez, determina a funcionalidade do verbo, a saber, em comparação entre pessoa subjetiva (“eu”) e não-subjetiva (“tu”), e não-pessoa (“ele/a”). (BENVENISTE, 2005, p. 250) Benveniste, no mesmo texto, repetidamente retoma a correlação de pessoalidade dos pronomes. Em uma das vezes, o autor afirma que “segue-se que, muito geralmente, a pessoa só é própria às posições ‘eu’ e ‘tu’. A terceira pessoa é, em virtude da sua própria estrutura, a forma não pessoa da flexão verbal” (BENVENISTE, 2005, p.252).

Estes elementos são imprescindíveis para as formas verbais, pois elas demarcam oposições (BENVENISTE, 2005, p. 250) que são para nós interessantes para a compreensão da reciprocidade, mais precisamente, qual é a atitude linguística daquele que toma a posição de “eu”, uma vez que “eu” e “tu” são invertíveis. (BENVENISTE, 2005, p. 253) Isso pode dar pistas sobre a pessoa que produz enunciado no qual se projeta o seu “tu”, afim de que o desafio da reciprocidade seja lançado. Destarte, o funcionamento do verbo está vinculado à pessoa, resultando em diferenças comparáveis entre o verbo que descreve uma ação constante



até o momento do enunciado e o verbo que descreve uma ação tomada no momento da produção do enunciado.

Ressaltamos que, em um trabalho no qual se observa e registra a cultura de interação entre outras pessoas, em um recorte intersubjetivo, perde-se a autenticidade daquilo que se diz. Passamos, então, a contar com as informações dos participantes e da percepção das atitudes linguísticas que se repetem, bem como as respostas que se obtêm delas. Aonde queremos chegar com essas considerações? À compreensão de que reciprocidade é, aqui, caracterizada pelos verbos que denotam atitudes linguísticas; estes, por sua vez, estão sujeitos à pessoa, tempo e espaço.

Linguagem: por falar em “dom e troca”

Da subjetividade na linguagem é um texto deveras explorado pelos estudiosos da Teoria da Enunciação de Benveniste, e uma das frases-chave se encontra no segundo parágrafo: “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”. (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285). Para entrarmos no mérito da relação linguagem-enunciação, faz-se pertinente expor os argumentos de Benveniste (1958/2005, p. 285) sobre a natureza da linguagem, pois, a partir dela, o autor menciona a atribuição da troca.

Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, a sua organização articulada, o fato de que tem um *conteúdo*, já são suficientes para tornar suspeita a assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem. Seguramente, na prática cotidiana, o vaivém da palavra sugere uma troca, portanto uma “coisa” que trocaríamos, e parece, pois, assumir uma função instrumental ou veicular que estamos prontos a hipostasiar num “objeto”. Ainda uma vez, porém, esse papel volta à palavra. (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285, grifos do autor)

Benveniste (1958/2005, p. 285) já fizera uma referência à *troca* ao falar que o que existe “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem”. A linguagem está na natureza, e é pela linguagem que a palavra é habilitada para que cumpra sua função na troca. Se a linguagem permite à palavra a “comunicação” (BENVENISTE, 1958/2005, p. 285) e é a palavra que permite a troca, há coerência em se pensar a linguagem como um *dom*, concedido ao homem, que permite a *troca*. Em termos antropológicos, a reciprocidade.

A noção de cultura na (inter)subjetividade

Propomos relacionar as especificidades no “preenchimento” dos “espaços vazios” pela subjetividade na linguagem ao contexto social⁵ e cultural em que o falante se encontra. Isso se

⁵ “(...) as principais distinções verbais do coreano são de ordem ‘social’; as formas são diversificadas ao extremo segundo o nível do sujeito e do interlocutor e variam segundo se fale a um superior, a um igual ou a um inferior. O falante apaga-se e prodiga as expressões impessoais; para não sublinhar indiscretamente a relação das posições, contenta-se frequentemente com formas indiferenciadas quanto à pessoa, que só o sentido afiado das conveniências permite entender corretamente.” (BENVENISTE, 1946, p. 248-249)



deve ao fato de que a cultura, segundo uma das explicações de Benveniste sobre esse conceito, abrange

um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma.” (BENVENISTE, 2005, p. 31s, apud FLORES E SEVERO, 2015, p. 317, grifos do autor)

Comparando tal concepção com a de Oliveira (2014), a cultura é um elemento constitutivo de todo ser humano e o “resultado da inserção do ser humano em determinados contextos sociais”. O autor ainda afirma, com base em Tylor, o primeiro a atribuir um conceito ao termo cultura, que este corresponde à “forma ou o jeito comum de viver a vida cotidiana **na sua totalidade por parte de um grupo humano**. (MASSENZIO *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 1-2, grifos nossos).

Quando se fala em totalidade, entendemos que esteja incluída a interação entre indivíduos. Logo, é necessário que, para se analisar a reciprocidade numa interação, entenda-se que a língua, subsistindo a partir da linguagem, tem relação com a cultura, sendo esta última o viés pelo qual abordaremos a reciprocidade.

A partir disso, podemos dizer que a enunciação, como ato individual de utilização da língua colocando-a em funcionamento (BENVENISTE, 1989, *in* FLORES, 2009, p. 102) é passível de transformações, ou adaptações de acordo com o contexto de interação. É mister que assim seja, para que haja intersubjetividade, a condição para a comunicação, resultando em reciprocidade.

Essa adaptação é induzida por diversos fatores, no caso da interação em sala de aula: interlocução *eu-tu*, *eu(professor)-tu(aluno)*, *eu(aluno)-tu(professor)*, *eu-instituição*, *eu-comunidade escolar*, *eu-comunidade local*, etc. Há dois conceitos que lidam com as imagens construídas dos interlocutores no momento da produção de enunciado: indicação de subjetividade e subjetividade do indicador. O primeiro indica uma valorização da subjetividade do ‘eu’. O segundo, tratando-se de um processo converso, indica uma valorização do ‘tu’ enquanto o ‘eu’ enuncia. Em outras palavras, aquele focaliza a própria subjetividade ao enunciar; este, por sua vez, enuncia em função e tendo em vista a subjetividade do seu ‘tu’. Estes dois conceitos foram desenvolvidos com maiores detalhes por Silva (SILVA, 2013, p. 63). Trata-se da imagem que um indica do outro ao enunciar. A intersubjetividade é, portanto, diretamente afetada (o que não deve ser tomado em um sentido negativo) pela cultura de interação, ou, de maneira alusiva, pelas várias subjetividades formadoras de um grupo.

Uma compreensão semântica de “dom” e “troca” em Benveniste

O texto “Dom e troca no vocabulário indo-europeu” influenciou significativamente a construção do fundamento teórico deste estudo. Aquele se trata de uma análise semântica dos termos “dom” e “troca”, conceitos ligados à teoria antropológica da Reciprocidade. A



contribuição de Benveniste é entendida, aqui, como a de uma aplicação dos vários sentidos que os termos “dom” e “troca”, de acordo com a língua e o contexto em que ela ocorre, às regras de interação – como buscamos representar anteriormente – entre indivíduos e coletividades.

Aí está o princípio de uma *troca* que, generalizada não somente entre os indivíduos mas entre os grupos e as classes, provoca uma circulação de riquezas através da sociedade inteira. O jogo é determinado por regras, que se fixam em instituições de todas as ordens. Uma vasta rede de ritos, de festas, de contratos, de rivalidades organiza as modalidades dessas transações. (BENVENISTE, 1951/2005, p. 348)

Nesta leitura semântica dos conceitos de “dom” e “troca”, promovida por Benveniste, destacam-se, inicialmente, dois termos que aparentam ter uma relação muito mais íntima do que se imagina: “dar” e “tomar”. Dentro de uma análise do hitita, pertencente ao grupo das línguas indo-europeias, Benveniste sugere que há um problema de comparação morfo-semântica entre raízes. Para se entender “o processo”, o autor entra no mérito da sintaxe também, uma vez que a diferenciação no sentido da raiz dependia da posição sintagmática, bem como dos elementos que integram o sintagma com ela. (BENVENISTE, 1951/2005, p. 350)

A ideia-chave que propomos destacar a partir do texto *Dom e troca* (BENVENISTE, 1951/2005) é o sentido dos verbos que sugerem uma oferta e compensação que se modificam de acordo com seu comportamento no enunciado. Este comportamento dos verbos “tomar” e “dar” são classificados, segundo o autor, como correspondente a uma fase “antiga” do indo-europeu. (p. 350), que apresenta reflexo na formação atual dos verbos das línguas derivadas do indo-europeu.

Metodologia

Após o estudo do referencial teórico, a pesquisa de campo realizada teve como metodologia a observação, gravação, transcrição e análise de recortes enunciativos de 3 (três) horas-aula ministradas em um instituto de línguas. Para que ela fosse permitida, entramos em contato com a direção da escola, bem como o professor da classe que concordou em participar da pesquisa. Sua identidade, bem como a da escola, mantiveram-se em sigilo, conforme acordado em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A classe observada correspondia ao último módulo do curso de inglês. Havia três alunas e um professor. Os alunos estavam dispostos em semicírculo diante do professor, o qual utilizava um púlpito, mas também transitava na sala, e dirigia-se às alunas quando necessário ou solicitado. A aula foi gravada em áudio – por preferência dos participantes. Posteriormente, realizamos audição e transcrição do material e seleção dos trechos em que se identificavam atitudes linguísticas de reciprocidade, tanto por parte do professor, quanto por parte das alunas. Em seguida, escolhemos algumas situações, as mais relevantes, para a análise.

Os critérios utilizados para identificar as situações de reciprocidade foram as descritas na tabela abaixo, em que se apontam as relações entre formas de reciprocidade e conceitos enunciativos. As formas de reciprocidade elencadas foram retiradas do “Ensaio Sobre o Dom” (“*The Gift*”), de Marcel Mauss (1950/2002).



Quadro 1. Relações entre formas de reciprocidade e conceitos enunciativos

Região/ Sociedade	Sistema de troca	Principais características	Interpretação enunciativa
Polinésia	<i>Total service</i>	Ocorre entre famílias, vizinhos; a criança é o canal para troca de bens.	Existe intersubjetividade, pois é uma interação relativamente “pacífica”, na qual ambas as partes entram em acordo.
Melanésia; Tinglit, and Haïda	<i>Potlatch</i>	Troca de bens, festivais, disputa por poder, destruição.	Troca de argumentos, justificativa, indicação de subjetividade.
Eskimós	<i>Kula- Potlatch</i>	Diplomacia na troca de bens.	Enunciação interpessoal ⁶ ; subjetivação do indicador.
Roma	<i>Roman Law</i>	“ <i>Nexum</i> ” (mobilidade social), promessa (compromisso), caráter espiritual do objeto/coisa oferecida, presentes obrigatórios; há formalismo, testemunha, palavra, registro.	Enunciação intersubjetiva (agrado).
Alemanha	<i>German Law</i>	Obrigação em realizar troca, venda e empréstimo sob penhor, promessa, caução. A honra � desafiada.	Interpessoal; o objeto de interação mant�m o poder da reciprocidade, o contrato pode atingir os participantes por meio de uma situação “embaraçosa” (no sentido de que o devedor sente-se obrigado a retribuir).

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na continuidade, colocaremos em foco o movimento de reciprocidade em que há o fato gerador - o lançamento do desafio - e da resistência – destruição do objeto de reciprocidade. Escolhemos descrever esse procedimento, a saber, o correspondente ao *Potlatch*, por haver sido este o mais conflituoso, mais duradouro em uma única situação intersubjetiva, bem como o mais representativo em nosso contexto de ensino-aprendizado.

⁶ Quando mencionamos “interpessoal” em oposição a “intersubjetivo”, não queremos dizer que não há intersubjetividade, já que esta é condição para a comunicação. A sutil diferença se encontra na proximidade ou distância em que o sujeito se coloca de si mesmo enquanto enuncia. Eu posso assumir o papel de ‘eu’ na enunciação, mas posso não falar de mim enquanto indivíduo; eu posso falar de mim como alguém que tem uma função objetiva, como a de professor, aluno, diretor, coordenador etc. Estas duas características, o interpessoal e o intersubjetivo podem ocorrer de forma mesclada em uma mesma aula.



Entre a reciprocidade e o rompimento: a destruição do objeto de interação na sala de aula de língua inglesa

Assim como em grande parte da aula, a cena selecionada para análise nesta seção envolve demonstração e manutenção da autoridade. Propomos fornecer a transcrição, descrição e análise do recorte enunciativo dessa situação, porque este esboça uma ilustração de ambos os fatos: a reciprocidade (quando há resposta do interlocutor, bem como seu esforço e/ou interesse em interagir) e a desistência na interação.

Entretanto, a característica do *Potlatch*, apontada por Mauss, é descrita da seguinte maneira.

O potlatch, por si só um fenômeno típico e, ao mesmo tempo, tão característico dessas tribos, não é nada menos do que um sistema de trocas de presentes. Ele difere do potlatch da Melanésia apenas na presença de violência, exagero e antagonismos que o mesmo levanta, bem como por uma certa falta de conceitos jurídicos e uma estrutura mais simples e primitiva. Isso é particularmente verdade para dois povos do norte, os Tinglit e os Haïda. (MAUSS, 2002, p. 70)

Esboçando o contexto, perceberemos que o professor busca interagir com determinada aluna, que apresenta maior proficiência e fluência que as demais, demonstrando uma atitude de desafio por meio da troca de informações, da exposição de experiências próprias e do questionamento. Essa atitude é diferente da interação com as outras alunas, uma vez que, com estas, ele se detém a falar do tema a ser feito, da dúvida ser tirada e, no máximo, fazer comentários e questionamentos a respeito das experiências pessoais delas. Sendo assim, conclui-se que a relação entre professor e aquela aluna especificamente, naquele momento, é marcada de antagonismo (esforço em manter a autoridade de professor em contrapartida do esforço da aluna em delimitar a conversa até o ponto em que lhe interessa).

Prosseguiremos, agora, com a transcrição e a análise.

Tabela 2. Excerto enunciativo 02; Sessão 01

Excerto enunciativo 02

Session 01

Participants: teacher; student 'B'; *in few occasions student 'A'*.

Scene: teacher introduces a new topic before going on to the next lesson – lesson 8 – and establishes a conversation with student 'B', who 'accepts' the object of interaction. Teacher insists in going further in the topic to the extent that the student is willing or is able to give arguments. Student resorts to refusal, laughs and silence moments to indicate subjectivity in this intersubjective process.⁷

41.T: Well, so... Before we get to lesson 8, people, **we're gonna talk a little bit about the**

42.**fast food restaurants.** (@) Uhm... On page one hundred nine. Let's suppose you are at a

43.fast food restaurant in the United States, after you give your order, the person work... **the**

⁷ Recorte enunciativo 02, Sessão 01, Participantes: professor; aluna 'B'; *em algumas ocasiões, aluna 'A'*. Cena: O professor apresenta um novo tema antes de prosseguir com a próxima lição – lição 8 – e estabelece uma conversação com a aluna 'B', a qual 'aceita' o objeto de interação. O professor insiste em ir além com o tópico até o ponto em que a aluna se dispor ou conseguir fornecer argumentos. A aluna recorre para a rejeição, risos e momentos de silêncio para indicar sua subjetividade nesse processo intersubjetivo.



44.person working in the counter will usually be asking you for here or to go. What does 45.that mean?

(Com: *Silence*)

46.B: He is asking you if you want to eat there or ???

47.T: Or take it home.

48.B: Yeah.

Até aqui, podemos depreender que o professor apresentou um novo tópico para as três alunas (l. 41-45), conforme procedimento costumeiro de uma classe. Portanto, esperava-se que qualquer uma delas tivesse dado a resposta. O objeto de reciprocidade foi lançado para as três. Até aqui é o professor falando com as alunas, buscando estabelecer uma intersubjetividade, afim de promover um envolvimento das alunas com o tema. Assim, poder-se-ia trabalhar aspectos lexicais, gramaticais e culturais correspondentes, a fim de alcançar reciprocidade ao longo da aula. O ‘eu’ professor lança o objeto de reciprocidade para as três alunas, mas somente uma parece aceitar esse objeto. (l. 46,48) Não se tem ainda concretizado o Potlatch enunciativo (cf. tabela 1: “Troca de argumentos, justificativa, indicação de subjetividade”).

49.T: Which do you prefer? To eat in the restaurant, or fast food restaurant, or take it 50.home?

51.B: Eat there.

52.(Com: *Teacher repeats student’s answer*)

53.T: Eat there. Why?

54.B: Uhhh... Because I don’t like to do the dishes.

55.(C: Teacher laughs)

56.T: Ok. Ah, but suppose it is a hamburger, you don’t have to do the dishes, you just 57.eat it the way it is: open and bite it.

58.B? Oh, you have to... clean the glass...

59.T: Uh?

60.B: clean the glass...

61.T: Ok... and you buy a coke.

62.(Com: *Student laughs as the teacher keeps on questioning her on the same subject*)

A partir do trecho acima, percebe-se que não se trata mais apenas de um eu (professor) lançando um objeto de reciprocidade para as três alunas (l. 41-45), mas, sim, para uma delas: a que aceitou o objeto. Com isso, ao perceber as argumentações da aluna, o professor lança outro desafio, afim de manter a interação (poder do professor em manter o interesse da aluna no assunto e promover o diálogo e a prática da língua-alvo). Aqui, ocorre uma indicação de subjetividade, onde o professor valoriza o seu papel de professor, buscando desenvolver com a aluna um diálogo que vai além da simples afirmação da aluna (l. 51). O professor até aqui falou com a aluna (*‘talk to’, isto é, conversa menos formal, em que há maior engajamento dos participantes*). Estabeleceu-se o *Potlatch*.

Acompanhando as trocas de turno que ocorrem nesta “sessão”, notamos, também por meio dos destaques, que há questionamentos frequentemente levantados. O professor, em suma, inicia uma discussão em torno da compreensão da aluna, talvez um dos primeiros níveis de uma típica interação entre professor-aluno: “(...), we’re gonna talk a little bit about



the fast food restaurants (...)... the person working in the counter will usually be asking you for here or to go. What does that mean?”. Interessante ressaltar que a parte recíproca que cabe a esta interação pode ser identificada nas linhas 44 a 49, uma vez em que há interesse da aluna em responder e interesse do professor em, mantendo sua postura de líder da discussão e de professor de inglês como língua estrangeira, fornecer significado e exemplos (“fast food restaurant”, “take home”).

Com isso, também, o professor se propõe ao conhecimento do nível de fluência da aluna, pois, mais tarde, o interesse em responder perguntas, conforme inicialmente demonstrado, é desafiado por perguntas que vão além do conteúdo lexical e semântico. O professor explora as lacunas da subjetividade que o tema pode gerar: “Which do you prefer? To eat in the restaurant, or fast food restaurant, or take it home?” (...) “Eat there. Why?” (linhas 49-50). O *Potlatch* começa a ser lançado, pois há uma ‘troca de bens’, nas palavras de Mauss (p.45): conhecimento e experiência pessoal em função da manutenção do diálogo e dos papéis professor/aluno.

Nas linhas que se seguem, percebemos que o professor frequentemente questiona a ‘subjetividade’ (as respostas que revelam a experiência pessoal) da aluna. Ao longo da aula, a aluna “B”, indicada neste diálogo, apresenta um nível de conversação mais fluente (levando em conta interrupções). Por isso, o professor indaga, replica, defende-se, desafia. Estes movimentos de linguagem ocorreram de modo a fazer a aluna interagir, pois aqui trata-se de uma aula do último módulo, última lição antes da prova.

63.T: A a a a cardboard... a bottle of glass... of coke.

64.(Com: *Silence*)

65.B: Then I don't know.

66.T: And then you have one more thing that is basic: if you take a hamburger home,

67.when you get home, the hamburger is getting cold

68.(Com: *Student agrees*)

69.T: or the CHEESE, it is not the same thing, even if you re-heat it, it's not the same. It's

70.like pizza: you order a pizza in... in the restaurant... ??? to your tables... delicious... but

71.after ten minutes ??? You get home, re-heat it, and... it's not the same. (@) ??? **But the**

Quando a aluna diz, no trecho acima, “then I don't know.” (então eu não sei.), o professor lança um comentário que converge com a opinião da aluna, ou a sua preferência por comer no restaurante em vez de levar o alimento para casa. O professor continua a desenvolver os argumentos que valorizam a subjetividade do seu ‘tu’, a aluna, ocorrendo, então, uma subjetivação do indicador. O polo dominante aqui ainda é a aluna. Até aqui, ele fala com a aluna (‘*speak to*'). No entanto, ele lança outro desafio argumentativo a partir da linha 71. Continua o *Potlatch*.

72.other thing that is good is that you can walk, ??? you have to get out, **you ask to get**

73.home... Or you just order and...

74.B: You don't like to see people?

75.T: No, I like to see people, **but I prefer to stay home wearing pajamas, watching TV on**

76.bed eating my hamburger.

77.(Com: *Students laugh*)



- 78.(Com: *Student enunciates with sarcasm*)
79.B: Aaai... Old people...
80.T: **Not old people... It's tired people.** (@)
81.(Com: teacher turns to another student)
82.T: Thank you very much.
83.(Com: *Teacher goes back to the previous topic.*)
84.You will be old someday.
85.(Com: *Silence*)

Percebe-se que, neste momento, há, de fato, uma intersubjetividade mais intensa do que nos trechos anteriores. Porque agora o professor falava com a aluna, mas apresentava argumentos com base em fatos. Neste último trecho, porém, após a aluna questionar o gosto do professor, este começa a expressar sua preferência (l. 75-76). O desafio da argumentação continua; o professor fala com a aluna ('talk to'). Posteriormente, a aluna lança um desafio mais informal ao observar a idade do professor e relacioná-la à preferência dele em descansar (l. 79). O professor, por sua vez, argumenta que isso se deve ao cansaço (l. 80). Há um silêncio (um intervalo de tempo importante para uma nova enunciação), e percebendo a 'destruição' do objeto de interação, uma vez que houve uma perda no foco do diálogo, por meio da observação da aluna, o professor retorna ao livro, local onde o professor em geral reafirma seu papel.

- 86.T: Uhm... So, for here or to go? Here you have the choices: eating your meal ??? in which
87.case you say for here. (*Student yawns*) Or you could have your food ??? so you can eat
88.elsewhere, in which case you say to go. (*Teacher reads an example provided by the*
89.*coursebook*) Take a look at ??? ordering lunch: "I'll have Five hamburgers, Five large ???
90.of french fries and two large cokes to go, please." Wow. **Ok guys. This is the end of**
91.**lesson seven**, and you are able to do the exercises for to...
92.(Com: *Silence*)
93.T:Exercises of lesson seven for to...
94.A: Tomorrow?
95.T: Tomorrow.

Existe aqui uma mudança no verbo enunciativo. O 'eu' do professor não mais 'fala com a aluna', mas 'fala para as alunas' ('*speak to*', isto é, enunciação mais formal ou séria). Nas linhas 86 a 89, não se consegue perceber se o professor estaria falando com a aluna com quem mantinha essa argumentação ou se falava para a classe toda. Contudo, tendo em vista a observação na sala de aula e a referência que ele usa na linha 91 ("Ok guys."), conclui-se que ele se volta para todas as alunas. O professor volta a buscar a atenção das alunas sobre quando deveriam concluir os exercícios. Aqui há um uso da indicação da subjetividade, pois ele 'retorna' ao seu 'papel' de professor. Além disso, percebe-se que a aluna A, silenciosa na maior parte do tempo, agora se pronuncia prontamente (linha 94. "Tomorrow?"). Provavelmente, esta aluna se sente mais confortável com essa forma de interação.

Após essa análise, entendemos que um professor que consegue administrar as diferentes realidades expressas por seus alunos terá maior possibilidade de construir uma interação mais recíproca. Tal informação poderá ser captada a partir dos enunciados dos alunos. Podemos também mostrar, com essa reflexão, que é possível ir além da aplicação de



metodologias com enfoque coletivo. O professor deve se perguntar: quais as regras que a cultura do aluno me impõe? Que regras eu imponho? Como construir pela língua formas de reciprocidade que atendam às necessidades dos alunos?

Considerações finais

A proposta deste estudo, como se tem visto, está voltada para uma visão da enunciação em sala de aula de língua adicional que abarque a relação entre linguagem (em seus movimentos), intersubjetividade (o 'eu' que enuncia para o 'tu', prevendo-se reversibilidade e as particularidades de ambos os participantes) e a reciprocidade (a obrigação de enunciar, de aceitar o enunciado e de atender à reciprocidade). A razão por que há uma relação básica entre intersubjetividade e reciprocidade é que a primeira supõe a linguagem como característica natural do ser humano, e a segunda reconhece que a linguagem e a organização humana estão interligadas.

Concluimos que essa visão tripartite da interação professor-aluno (considerando a linguagem, a intersubjetividade e a reciprocidade) reconhece que a interação é diferente se considerando um contexto de indicação da subjetividade (valorização do eu na enunciação) e de subjetividade do indicador (valorização do tu na enunciação). Em suma, argumentamos que a aplicabilidade da Teoria da Reciprocidade e da Teoria da Enunciação na área do ensino de língua inglesa como de outras línguas adicionais permite uma reflexão sobre a metodologia empregada dentro do contexto selecionado. Ademais, estabelece uma visão mais precisa dos fatores que influenciam a interação entre professor e aluno. Ainda por último, mas não menos importante, porque no referido estudo podemos visualizar o tema da subjetividade associado a uma visão antropológica da linguagem.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 247-259.

_____. As relações de tempo no verbo francês. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005, p.260-276.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005, p. 284-293.

_____. Dom e troca no vocabulário indo-europeu. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005, p.348-360.

BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 68-80.

FLORES, V., BARBISAN, L., FINATTO, M. J., TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.



FLORES, V., SEVERO, R. Linguagem e cultura: uma abordagem com Benveniste. *Veredas Online – Atemática*. Vol. 19, nº 2, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2015. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/04/17-FLORES-E-SEVERO1.pdf>

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

OLIVEIRA, J. L. M. de. O conceito antropológico de cultura. Pró-Reitoria de Extensão (Proex), Diretoria de Programas de Pastoral (Dipas). Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (Crear), Universidade Católica de Brasília, 2014. Disponível em <https://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/OconceitoantropologicodeCultura.pdf>

PREFEITURA MUNICIPAL DE BAGÉ. *Dados gerais e econômicos de Bagé*. Encontrado em <http://www.bage.rs.gov.br/economia.php> Acessado em junho de 2016.

SCHLATTER, M. GARCEZ, P. *Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês*. Erechim: Edelbra, 2012.

SILVA, S. O Homem na Língua: uma visão antropológica da enunciação para o ensino de escrita. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Porto Alegre. Instituto de Letras. UFRGS, 2013. Disponível em: www.sabi.ufrgs.br

Recebido em 15/05/2017
Aprovado em 24/11/2017

151